

JOVENS TÉCNICOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA PAULO FREIRE: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO CONTINUADA COMO UMA REDE SOCIAL

YOUNG TECHNICIANS OF THE PAULO FREIRE AGRICULTURAL FAMILY SCHOOL: SOCIAL MOVEMENTS AND CONTINUING EDUCATION AS A SOCIAL NETWORK

Priscila Gregório Caon¹

Kelly da Silva²

Willer Araújo Barbosa³

Angélica Rodrigues Kyvia Gregório Caon⁴

Angélica Rodrigues⁵

RESUMO

A Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP) localiza-se no município de Acaiaca nos limites da Zona da Mata e Metalúrgica de Minas Gerais. A EFAP oferece Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio por alternância com ênfase em agroecologia e tem como público filh@s de pequen@s agricultor@s⁶ familiares. Falar sobre juventude do campo, profissionalização e consolidação de uma rede social dos movimentos sociais a partir das EFAs é falar sobre um tema pouco pesquisado constituindo-se um desafio. Neste sentido, nosso objetivo é analisar a repercussão do retorno dos egressos das EFAs para suas comunidades, enquanto técnicos agropecuários, bem como a compreensão dessa formação para orientação técnica extensionista e fortalecimento da agricultura familiar e agroecológica. A orientação metodológica segue pelo estudo de caso etnográfico de abordagem qualitativa, de forma a analisar as questões centrais dessa pesquisa. Temos observado principalmente após o II Encontro Estadual de EFAs, é que há um forte movimento por parte das EFA's de que os recém formados se tornem futuros monitores dessas e ou parceiros do movimento das EFAs.

Palavras Chave: Escola Família Agrícola, Educação do Campo, Agricultura Familiar.

ABSTRACT

The Paulo Freire Agricultural Family School (EFAP) is located at the city of Acaiaca on the territory limits of the Forest and Metallurgic Zone of Minas Gerais, Brazil. The EFAP offers Technical Course in Farming and Cattle rising, integrated to the Secondary education through alternating with emphasis on Agroecology. Has as public the children's of small family farmers. Speak about rural youth, professionalization and consolidation of a social network from the social movements commencing on the EFAs is speak about a theme few studied been a great challenge. Aiming that, our objective is to analyze the repercussion of the return from the egressions from the EFAs to the communities, as Farming and Cattle rising Technicians, well as the comprehension of this formation to the technical extension orientation and strengthening of the Agroecologic Familiar Agriculture. The metodologic orientation follows the ethnographic study of case from qualitative approach, with means to analyze the main questions of this research. It has been observed mainly after the II EFAs State Meeting that is a strong movement on the EFAs that the recently graduated youths become future monitors of those EFAs and/or partners of the movement.

Keywords: Agricultural Family School, Rural Education, Familiar Agriculture.

O homem existe no tempo – existe – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele, Temporaliza-se. Na medida, porém, em que faz essa emersão do tempo, libertando-se de sua unidimensionalidade, discernindo-a, suas relações com o mundo se impregnam de um sentido conseqüente. Na verdade, já é quase um lugar – comum afirma-se que a posição normal do homem no mundo, visto que não está apenas nele, mas com ele, não se esgota em mera passividade [...] pelo seu aspecto criador o homem pode ser eminentemente interferidor [...] herdando a experiência adquirida, criando recriando, integrando-se as condições do seu contexto, respondendo aos seus desafios... (FREIRE, p.41. 1980).

A escola Família Agrícola Paulo Freire

A Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP) localiza-se no município de Acaiaca nos limites da Zona da Mata e Metalúrgica de Minas Gerais, no ano de 2007 completou o seu quarto ano de funcionamento com a formatura da primeira turma. Essa oferece Curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio por alternância com ênfase em agroecologia e tem como público filh@s de pequen@s agricultor@s familiares.

A EFAP é um estabelecimento público não-estatal, gratuito e o seu curso integrado se justifica por uma questão de direito cidadão resguardado, tanto pela Constituição da República Federal do Brasil quanto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394 de 1996. Outra questão que a define como possuidora de direitos são as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, que situam a educação profissional na confluência dos direitos do cidadão, da educação geral, humana e do trabalho. Neste sentido a Organização Curricular está embasada nas determinações da Resolução do Conselho Nacional de Educação e observa os Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Profissional de Nível Médio do Ministério da Educação e está consubstanciada no Plano de Curso específico. Busca

ainda consonância com a atual Política Nacional de Assistência Técnica e de Extensão Rural.

Como escola comunitária, possui uma associação gestora e mantenedora – a Associação Regional Escola Família Agrícola Paulo Freire (AREFAP), formada pelos pais e mães, alunos, monitores e outros parceiros institucionais vinculados ao Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais. A AREFAP é a maior responsável por assegurar a sustentação financeira e jurídica, sendo também responsável pelo Projeto Político Pedagógico e pela infra-estrutura da escola.

Nesse sentido famílias de trabalhador@s rurais, entidades, organizações e movimentos desta região mineira, têm entendido a EFAP, mesmo porque indicam @s estudantes ao estudo, como um potencial estratégico para a promoção e o fortalecimento da agricultura familiar⁷, bem como da agroecologia enquanto modelo tecnológico mais condizente com a realidade econômica, produtiva, ambiental e social da Zona da Mata⁸. Assim sendo, nos propomos a partir de um trabalho investigativo monitorar, através da identificação e análise, a educação continuada a partir dos técnicos egressos desta EFAP e de sua re-inserção nos movimentos sociais.

O entrelaçar de experiências

O nosso contato, envolvimento e atuação junto a EFAP foram realizados por intermédio do projeto Filosofia na Escola Família Agrícola – FinaEFA. Bem como pelo trabalho desenvolvido junto ao Programa Teia/UFV especificamente no núcleo Guaiana - EFAP. Para além do envolvimento com a EFAP criamos relação com os movimentos sociais da Zona da Mata pela ampla rede social que o programa Teia forma.

As oficinas ecopedagógicas e interculturais do projeto FinaEFA realizadas com os estudantes do 1^a 2^a e 3^a séries do ensino médio da escola em questão abrangem temas

relativos a Agroecologia, Vida no Campo, Carta da Terra, Profissionalização e Interculturalidade. São essas ações que apresentam possibilidade fecunda de interlocução entre as demandas dos movimentos sociais e a EFAP.

Assim várias atividades articuladas à EFAP procuram considerar a leitura pessoa-mundo⁹ de merecida importância, porque relaciona pessoas, ambientes e realidades através da integração pela comunicação e inserção participativa. Embora essa proposta tenha sido um desafio, se torna possível quando percebemos que o que permite tecer a teia do saber e do fazer, não é um conhecimento pronto e acabado, mas sim as diferentes mãos que a tecem.

Esse mosaico de temáticas, formas de se comunicar e intervir na realidade junto a esses jovens, têm possibilitado o questionamento e reflexão sobre a inserção da juventude do campo no mundo do trabalho, de forma mais solidária e consciente, portanto, enquanto uma perspectiva de educação continuada. Bem como sobre as questões ambientais e a sustentação de práticas que garantam a preservação e recuperação da biodiversidade nos seus aspectos sócio-culturais.

Através dessa experiência e contato com a EFAP, percebemos que apesar de todo esforço no sentido de uma educação do campo voltada para a agricultura familiar inúmeros são os desafios enfrentados pela EFAP, como: a necessidade do diálogo entre as disciplinas curriculares de Base Comum Nacional e o cenário da agropecuária, a formação do técnico em agropecuária na totalidade do curso, a interação com atividades curriculares e extracurriculares, o envolvimento das famílias e movimentos na construção da alternância com maior inteiração, comunicação e reflexão entre os tempos alternantes do meio escolar e sócio profissional e mais o constante questionamento de como fazer da Agroecologia impulso vital para o processo de formação do técnico formado para a Agricultura Familiar.

Embora tenha sofrido muitas tentativas de superação e destruição, a agricultura familiar e ou camponesa vem se mantendo. De acordo com o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural podemos afirmar que a resistência da agricultura familiar e camponesa fez e faz com que as pessoas permaneçam no campo com melhor qualidade de vida. Porém, para se continuar com a luta de resistência e se melhorar as condições básicas d@s agricultores da agricultura familiar é preciso repensar a agricultura. O que significa repensar a lógica de funcionamento, o modelo tecnológico, a política, o ensino técnico, os conceitos, os valores e os hábitos. Isso implica uma nova agricultura, valorizando a cultura e o saber popular das agricultoras e dos agricultores, buscando a construção de tecnologias sociais, o reconhecimento e sua importância, trabalhando com os princípios da agroecologia. (MMTR, 2002).

Nesse sentido se faz necessário entender que as EFAs por si só não representam solução total para essa problemática. É imprescindível que os movimentos sociais e as organizações locais envolvidas com a agricultura familiar, busquem soluções de resistência e dentre elas apoiem os egressos das EFAs. Compreendendo que esses possivelmente podem contribuir para a consolidação de uma prática educativa que valoriza o saber local e as necessidades das famílias e do ambiente.

Afinal o objetivo da assessoria técnica suposto fim da formação escolar técnica não pode ser somente a difusão de pacotes tecnológicos, o acompanhamento e fiscalização das operações de crédito agrícolas financiados pelos bancos senão que merece o contínuo esforço formativo. A orientação técnica deve buscar contribuir para a construção do conhecimento a partir do respeito aos saberes dos e das agricultoras por meio da experimentação, planejamento, multiplicação e uso sustentável dos recursos naturais das regiões (SOUZA, SILVA & MACIEL. 2007). Portanto encarada como um constante processo educativo.

Mas de que forma os/as jovens técnicos egressos da EFAP se formam, organizam e conseguem atuar como técnicos em suas regiões? Como essa formação vem a contribuir para o contexto da organização e fortalecimento da agricultura familiar, dos movimentos sociais e como esses contribuem para a construção de apoio para essa possível rede de educação continuada dos jovens egressos? Quais os principais desafios? Quais os rumos e trajetórias estabelecidas pelos movimentos sociais após a EFAP?

Falar sobre juventude do campo, profissionalização e consolidação de uma rede social dos movimentos sociais a partir das EFAs é falar sobre um tema ainda hoje pouco pesquisado, o que constitui um desafio. Neste sentido é relevante a discussão sobre a repercussão do retorno dos egressos das EFAs para suas comunidades, enquanto técnicos agropecuários, bem como a compreensão dessa formação para orientação técnica extensionista e fortalecimento da agricultura familiar e agroecológica.

Nesse sentido se faz necessário o acompanhamento das práticas sociais educativas desses jovens egressos da EFAP, como análise de uma ação educativa continuada a partir da concepção da pedagogia da alternância, educação do campo e popular no contexto dos movimentos sociais. Bem como o entendimento de como esses estão sendo apoiados pelas organizações, movimentos e poderes públicos locais.

Para tanto, a princípio a presente proposta fundamenta-se em teóricos como SILVA, BARBOSA, MACHADO, RIVOIR e FREIRE e outros possíveis, na proposta de elaborar um agenciamento entre as teorias, implicando em estudo de caso para entendimento e análise da prática social dos técnicos formados pela EFAP.

A formação de jovens do campo pela alternância educativa

A EFA Paulo Freire é uma das estratégias de desenvolvimento do campo em bases sustentáveis, conectada a outras forças sociais afins. Nasceu e se mantém pelo esforço conjunto e pelas parcerias de representantes das famílias associadas na AREFAP, do Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais da Zona da Mata, das Prefeituras e Câmaras Municipais de Acaiaca, Diogo de Vasconcelos e Guaraciaba, da Associação de Trabalhadores Rurais da Zona da Mata, da Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícolas _ AMEFA, do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, da Paróquia de Acaiaca e outros (MACHADO, CARVALHO. 2005).

Na sua criação ao se articular ao Projeto Institucional denominado “Projeto Político Pedagógico, Participação Comunitária e Desenvolvimento Local - Uma Parceria na Implantação das EFAs - Departamento de Educação / Universidade Federal de Viçosa” participou do processo de capacitação pedagógica de proposta em Pedagógica da Alternância para implantação de três EFAs na Zona da Mata Mineira; a saber, nos municípios de Ervália, Araçuaia e Acaiaca.

Em Minas Gerais, as EFAs estão vinculadas à AMEFA, constituindo uma proposta de Alternância Educativa e Educação do Campo construída e oferecida no meio rural (VIEIRA E MACHADO, 2007). São no total 18 escolas formando uma rede de ensino, com iniciativas de inovação para estrutura curricular, nos diversos níveis da educação básica e ensino médio, proporcionando uma pedagogia em processo de adequação as atuais demandas do campo, ou seja, a busca de uma formação humana integral a partir de um método pedagógico que é a alternância educativa. Isso acompanhada sempre por uma relação família-escola principalmente via as associações das EFAs que incluem pais, mães, profissionais e instituições para o desenvolvimento do meio, aqui a zona rural no que abrange o socioeconômico, humano, político, cultural e ambiental.

Entretanto ainda há uma deficiência no que diz respeito a sustentação desses pilares e a à implantação do ensino técnico integrado ao ensino médio, na região da Zona da Mata Mineira, podemos dizer que encontra-se em constante processo de revisita e ação – reflexão. A EFAP já no seu primeiro ano de funcionamento recebeu jovens das famílias da Zona Rural dos municípios de Acaiaca, Araponga, Barra Longa, Carangola, Caiana, Diogo de Vasconcelos, Divino, Espera Feliz, Mariana, Ponte Nova, Guaraciaba, Sem Peixe, Piranga e Jequeri. Ess@s jovens educand@s se encontram envolvidos em diferentes Movimentos Sociais, a saber: Movimento dos Atingidos por Barragens, Movimento Sindical, Movimento da Rede de Economia Solidária, Pastoral da Juventude Rural.

Atualmente funciona com três turmas de 1º, 2º e 3º ano com um total de 90 educand@s. Utiliza Instrumentos da Pedagogia da Alternância como: Planos de formação, de estudo, Cadernos da Realidade, Fichas Pedagógicas, Colocação em Comum, Tempo-escola e Tempo-comunidade, Estágios de Vivência em Agroecologia e Estágios Supervisionados de Orientação Técnica, entre outros. Para além, destinam terrenos e plantações para a implementação de princípios da Agroecologia, da produção orgânica e da valorização da agricultura familiar. Busca no tripé prática – teoria – prática, mediado pelos instrumentos pedagógicos, resignificar a realidade, o viver comunitariamente e fomentar uma praxis educativa para transformação da realidade.

Essa combinação permite a reflexão sobre a cultura popular com todos os seus valores intrínsecos e contradições, buscando inter-relacionar as necessidades e potencialidades sociais e econômicas do campo através da aprendizagem significativa (BARBOSA, 2002). Dessa forma a busca da EFAP vai ao encontro dos princípios e Programa de Ação da Conferência Mundial sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural, no que diz respeito ao ensino, capacitação e extensão entendendo a: i) Criação e ampliação de redes de capacitação e extensão para homens e mulheres, as quais

permitam adquirir e aperfeiçoar técnicas e aumentar a produtividade, a possibilidade de obter renda; ii) estabelecer vínculos efetivos entre as atividades de extensão e pesquisa sobre os diversos problemas; iii) Relacionar os planos de estudo e os programas das escolas de educação primária e secundária com a vida cotidiana e o trabalho das áreas rurais, incluindo-se a demanda sazonal de mão-de-obra e as características próprias de produção agrícola.

Dessa forma percebemos que é fundamentalmente necessário um monitoramento da prática d@s jovens após a EFAP sobre como essa formação pela alternância educativa tem formado profissionalmente esses. Como acontece esse processo pensando-o como uma ação educativa continuada de técnic@s recém formad@s que retornam aos movimentos e comunidades locais com uma releitura e prática social oriunda da formação pela EFA.

Ainda sobre a discussão da pedagogia da alternância, SILVA (2003) compreende que nas raízes, no significado de alternância, princípio fundamental das EFA's, encontra-se a expressão do desejo e valorização do processo de escolarização de uma população que historicamente tem enfrentado sérias dificuldades de acesso e permanência na escola. Esse quadro é favorecido pela escassez de escolas, além do tipo de educação oferecida à população rural em que predomina uma concepção unilateral da relação campo-cidade com difusão de valores, conhecimentos e atitudes distantes do modo de vida e da cultura da população do meio rural. Por essas razões e tantas outras aqui não mencionadas perpassa a compreensão e, sobretudo a valorização da alternância pelos atores da EFA.

Nessa perspectiva o regime de alternância possibilita aos segmentos marginalizados pelo sistema tradicional de ensino o freqüentar a escola. Por não afastar o/a jovem do seu meio, porque respeita a necessidade que as famílias de produtores (as) e trabalhadores (as) rurais têm do trabalho do jovem em casa e mais do que isso; a

Pedagogia da Alternância busca integrar a escola com a família e a comunidade do educando. Em consonância com a Educação do Campo percebe que para se fazer uma escola do campo, é preciso o que Paulo Freire denominou leitura pessoa-mundo, ou seja, identificar as ações e as práticas sociais que são constitutivas de sua população, conhecimentos, estrutura de sentimentos, formas de compartilhar a vida, aspirações e dificuldades.

Ainda vale ressaltar [...] que as pessoas estudantes – alternantes encontram-se no centro deste complexo, pois a alternância cria também um confronto entre campos culturais, Isto é estabelece a possibilidade de uma educação intercultural: i) de um lado a cultura de vários locais, dos diferentes territórios de onde vem os estudantes-alternantes e onde moram com suas famílias (intensiva ou extensiva), com sua maneira de ser, de pensar, de falar, sua linguagem, suas expressões, suas referências; ii) de outro lado, a dita cultura oficial, da sociedade mais geral com suas próprias referências, a escrita, a leitura, seu registro de língua especializada, sua cultura profissional, bem como a realidade capitalista com sua crescente desigualdade social, desemprego estrutural etc iii) e ainda mais a cultura da escola com suas palavras, suas finalidades, seu ambiente, suas próprias referências das outras culturas, na medida em que está afastada e até em ruptura com o mundo circunvizinho. (BARBOSA, et alii. 2004).

Dessa forma podemos pensar a EFAP como uma rede social, que estabelece relações interculturais¹⁰ primárias e secundárias produzindo uma relação diferenciada entre a juventude da agricultura familiar do meio rural, suas famílias e comunidades, EFA's de MG e entre os demais parceiros envolvidos. Nessa rede perpassa a discussão profissional, da identidade do jovem do campo, da agroecológica, da assistência técnica e da extensão, possibilitando trocas de saberes, de experiências e a visualização de novos conhecimentos.

O que poderíamos entender como uma rede social? Para RIVOIR a análise de redes aparece como um instrumento para a compreensão do mundo atual, das conectividades entre as coisas e as relações que se dão, tentando inovar ao introduzir conceitos que nos permitem compreender a sua complexidade. De fato através das conexões, podemos fazer a leitura das realidades em uma abordagem de rede uma vez

que há toda uma correlação na estrutura social que perpassa desde relações primárias antropológicas: família, vizinhança... Criando sentido para as relações sociais mais simples até relações mais complexas dentro de um grupo, em coletivos de redes, em redes de redes.

Percebemos que mediante a estrutura fragmentada de saberes, fazeres e práticas que o modelo capitalista nos impõe, acreditamos que o resgate de relações solidárias e em coletivos de rede se torna de fundamental importância, mesmo porque possibilita a troca e intercâmbio de experiência e o fortalecimento de grupos isolados que anteriormente poderiam parecer minoritários. Assim a busca desse pensamento e desse fazer podem representar uma alternativa dentre outras para superação da situação marginalizada dos movimentos sociais. Não que esses já não a tracem, mas o que queremos aqui é reforçar a idéia e a prática que temos acompanhado e percebido no interior dos Movimentos Sociais.

Dentro das preocupações da EFAP, a forma como os jovens recém formados e os a formar irão se organizar enquanto técnicos vem assumindo relevância junto ao MSTR - ZM. O que implica no pensar a profissionalidade dos 29 jovens que se formam neste ano de 2008 e das demais turmas. Como se darão suas práticas? Articuladas em rede ou fragmentadas?

Ao nos depararmos com esses questionamentos relacionados à educação continuada a configuração de trocas e sustentação da profissão de jovens técnicos agropecuários, percebemos que o esforço constitui-se da preocupação de manter-se a percepção e vivência da complexidade da organização em grupo, paralelo a necessidade de ensaiar uma nova experiência de convívio, num esforço de pensar e agir diferenciados, já com responsabilidade da intervenção na realidade.

Ainda a provocação posta pelos agricultores que irão se comunicar com esses técnicos a busca e demanda é pela horizontalidade, da descentralização, da

desconcentração do poder, o que não implica a inexistência de disputas e conflitos, nem tão pouco na substituição total da organização piramidal (MARTINHO. 2004). Constitui-se em manter papéis e posições de técnicos em formação que possibilitem diálogos contínuos com a agricultura familiar.

Nessa perspectiva talvez junto aos movimentos sociais sindicais, um dos maiores preocupados com a formação desses jovens se faça necessário à orientação das ações desenvolvidas pelos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa-ação (já vivenciados pelos jovens no período de inserção na EFAP) após o período de escolarização. O que implica se permitirem vivenciar, refletir constantemente, integrando ações, construindo redes/teias por intermédio de associação ou outras formas organizativas. Enfim usando técnicas que visem à participação equitativa de todos e todas no resgate e valorização dos conhecimentos, de forma que a reflexão e a produção de um novo conhecimento permitam uma nova compreensão da realidade, e a qualificação para uma intervenção diferenciada no contexto territorial.

Além do mais se coloca como desafio o apoio e criação de alternativas para @s jovens recém formados, enquanto possibilidade de exercer a profissão de técnicos agropecuários vinculados aos movimentos sociais e com atuação regional. Enfatizando a solução de problemas a adaptação às condições locais com base na experiência adquirida na EFA e a vir a ser adquirida com o tempo, com o espaço, com o ambiente, com as culturas, construindo trilhas para uma forma de vida mais digna no campo.

De jovem da agricultura familiar para técnico da agricultura familiar

Muitos são os desafios que se estabelecem para uma assistência técnica e extensão rural voltadas para a comunicação, diálogos e fazeres que valorizem os saberes, fazeres e sabores locais e populares da agricultura familiar e da agroecologia.

O que acontece na maioria das vezes é a incompatibilidade do pensar - fazer do técnico e do agricultor, formando uma barreira de difícil transposição no sentido de colaboração efetiva entre o conhecimento agrônomo científico e os conhecimentos e sistemas de produção da agricultura familiar (AZEVEDO, 2003). Por isso nesse cenário o pensar e repensar as Assistências técnicas e extensão rural Ater's a partir da configuração de novos papéis e das identidades deve ser um fazer constante.

Ao longo de sua história a Ater teve como princípio uma extensão rural baseada na difusão, transferência, doação, entrega de conhecimento, com o intuito de otimizar a produtividade e o desenvolvimento do país nos moldes e princípios do sistema capitalista.

Nesse sentido é presente a transposição de conhecimento aos trabalhadores e trabalhadoras rurais, sendo recorrente o conceito de extensão enquanto doação e entrega de conhecimento. No que diz respeito à extensão rural no Brasil, DIAS (2006) faz uma discussão que enriquece a compreensão sobre a extensão rural.

(...) a extensão rural era (e ainda é em parte) um instrumento importante do processo de modernização da agricultura, isto é, de transformação da agricultura tradicional, considerada como “atrasada”, “arcaica”, de baixa produtividade. Era vista como um instrumento para provocar mudanças de comportamento. É desta forma que os extensionistas e os agricultores se encontravam e ainda se encontram hoje em dia. Por força de um projeto político mais amplo defendido pelo Estado: a promoção do desenvolvimento rural por meio da modernização da agricultura. Para modernizar, os agricultores precisavam de assistência técnica, ou seja, precisavam aprender a usar novas técnicas e tecnologias que não conheciam ou não dominavam completamente. A adoção destas novas técnicas e tecnologias mudaria suas atitudes e comportamentos em troca de maior produção, produtividade e renda.

FREIRE (1975) compreende a extensão como um ato educativo permeado pelo diálogo e orientando-se pelas necessidades, expectativas, desejos, interesses e demandas dos sujeitos envolvidos, por isso, questiona o termo utilizado propondo uma nova nomeação para as ações extensionistas a “comunicação”. Termo que nos possibilita conceber a extensão, ou melhor, a comunicação a partir da reflexão, da troca de saberes,

proporcionando a construção de novos conhecimentos. Possibilitando a mudança de posturas e compreensão da realidade para transformação da mesma.

Dessa forma a compreensão do envolvimento para sustentabilidade da produção familiar perpassa dentre outros caminhos pela construção do conhecimento, evitando as monoculturas dos fazeres e saberes. Nesse sentido:

Quaisquer atividades agrícolas levadas a cabo por quaisquer agricultores estão inseridas em um conjunto de conhecimentos previamente estabelecidos por cada um dos grupos sociais a que pertencem esses agricultores. Esse conjunto de saberes, denominado de sistema de conhecimento, é construído a partir do modo pelo qual as pessoas categorizam, codificam, processam e emprestam significado às suas experiências (AZEVEDO, 2003).

Esse reconhecimento pode ser um passo para evitar as barreiras e transpor o assistencialismo da Ater. Bem como a compreensão de como os técnicos, ou melhor, as educadoras e educadores lidam com esses verdadeiros roteiros agrícolas das mentes e memórias dos agricultores e agricultoras na análise e julgamento do sistema de produção. Percebendo a forma como os processos constitutivos dos saberes científicos e populares dos profissionais em Ater e d@s agricultores (as) se inter cruzam, se julgam. Isso pode contribuir para difícil transposição da falta de diálogo para as trocas de saberes e sabores.

Considerando que os educandos das EFAs são oriundos das Zonas Rurais e que ao conviverem em período de alternância, participando do período escolar e período sócio familiar, são acrescidos por compreensões e resignificação das suas comunidade e realidades sócio-culturais e ambientais. Supõe-se que os egressos da EFAP, podem contribuir para reconfiguração dessa relação histórica de assistencialismo e posição vertical dos saberes entre técnicos extensionistas e agricultores.

Essa é uma reflexão profunda, entretanto por vias de ser recente a formação dos jovens da EFAP e esses ainda estarem definindo seus rumos no seio do apoio que encontra nas instituições, organizações e movimentos parceiros da EFAP, já podemos

sinalizar que a orientação é para o apoio desses e consolidação de processos de comunicação e utilização de metodologias participativas por parte dos jovens técnicos.

Ainda não temos condições de apresentar resultados práticos a partir de sistematização de entrevistas e acompanhamento de campo, pois estamos no início do olhar investigativo, que começou desde o ano passado, mas que só se aprofunda no presente ano principalmente por intermédio do programa Teia. Ou seja, tal pesquisa ainda busca financiamento e por hora o acompanhamento e investigação tem se dado de forma mais lenta e por intermédio de informações levantadas por estudantes acadêmicos dos projetos que integram o Teia e pelos próprios jovens, em encontros do programa entre universidade e comunidades populares. Dessa forma no último tópico do presente texto apresentaremos considerações gerais.

Monitorar essas práticas de forma sistematizada significa contribuir para a organização de uma educação continuada de forma intensionalizada e articulada a partir de redes sociais. O que representa também identificar ausências e permanências da EFAP, dos poderes locais, dos movimentos sociais e das organizações da agricultura familiar, no que diz respeito à responsabilidade de acompanhamento do início da profissionalização dos egressos; através da identificação e análise, das práticas sociais que se consolidarão por meio dos técnicos egressos desta EFAP, e ainda identificar como essas práticas têm contribuído para a consolidação em rede da agroecologia enquanto uma inovação de tecnologia social na Zona da Mata.

Caminhos dessa pesquisa

Para o alcance dos objetivos propostos, como já mencionado, escolhemos como unidade empírica de estudo o universo dos jovens técnicos egressos em 2007 pela Escola Família Agrícola Paulo Freire.

A escolha de análise desses egressos justifica-se por ser a primeira turma de formandos em técnico em agropecuária de EFA, na Zona da Mata Mineira e pelo vínculo que possuímos com a EFAP por meio do Movimento – grupo Ecopedagogia por meio do projeto FINAEFA e pelo programa TEIA.

A orientação metodológica segue pelo estudo de caso etnográfico de abordagem qualitativa, de forma a analisar as questões centrais dessa pesquisa e atender os objetivos propostos, compreendendo que essa é uma escolha inicial e que poderá modificar-se durante essa. A pesquisa deve compreender fases de exploração, que já se encontra em andamento, avaliação e análises.

Dessa forma, no presente estudo buscamos trabalhar com ênfase no processo e no produto, levando-se em conta a dimensionalidade do contexto local e territorial ao qual os jovens se encontram, bem como da EFAP, em pretensão de ampliar o assunto ao articulá-lo ao contexto social do qual faz parte, considerando a abordagem qualitativa de análise. Apesar de uma fase distinta, com denominação “análise”, durante a fase de coleta de dados a análise já poderá estar ocorrendo.

Pela opção metodológica de estudo de caso, estamos percebendo como necessário, além do qualitativo uma abordagem fenomenológica e empírica, que se preocupe com as interpretações dos significados atribuídos pelos atores às suas ações e das interações sociais produzidas entre esses. Assim a necessidade de delimitação de um caso empírico surgiu a partir da necessidade de análise de uma situação local em específico. Ao focalizar uma situação, adequasse à investigação de problemas práticos e de questões que emergem do dia a dia (ANDRÉ, 2005). Pois o estudo de caso tem como principal propósito realçar as características e atributos da vida social, ou seja, uma instância em ação.

Tal opção se justifica por acreditarmos que o conhecimento gerado pelo estudo de caso é mais concreto pois encontra eco em nossa experiência; mais contextualizado,

por estar entrelaçado a um contexto específico; mais voltado para interpretação do leitor, na medida em que esses trazem para o estudo de caso suas experiências e compreensões, as quais levam a generalização quando novos dados são adicionados aos velhos. Assim baseia-se em população de referência determinadas pelo leitor, uma vez que esse participa ao estender a generalização para populações de referência. (André, 2005).

Dessa forma no decorrer do presente ano pretendemos utilizar de técnicas de coletas de dados no estudo de caso de forma ecléticas incluindo Observação, Entrevistas, Fotografias, Documentos, Anotações de Campo e Negociações com os participantes do estudo. Por essa flexibilidade não estamos preocupadas em estabelecer um roteiro rígido, que determine com precisão como a pesquisa deverá ser desenvolvida, respeitando os contornos próprios assumidos durante o estudo.

Nesse sentido há possibilidade de uma triangulação nos procedimentos metodológicos e por acreditarmos que nem sempre, os significados são expressos diretamente na linguagem, são transmitidos também por meio da ação abrangendo o que as pessoas fazem, o que elas sabem e as coisas que elas constroem e usam.

Devido ao fato dos egressos residirem em diferentes comunidades que possuem uma distância considerável entre si, os instrumentos de coleta de dados e informações poderão ser realizados na Assembléia anual, que ocorre a todo final de ano e que reúne, a AREFAP, ex-alunos e demais envolvidos, não descartando a possibilidade de trabalho de campo nas respectivas comunidades dos egressos.

Terminando por enquanto

Por hora o que temos observado principalmente após o II Encontro Estadual de EFAs¹¹, é que há um forte movimento por parte das EFAs de que os recém formados se tornem futuros monitores dessas e ou parceiros do movimento das EFAs. De uma turma

de vinte e cinco (temos que confirmar isso) formandos já constatamos que seis viraram monitores de EFA's e três se encontram em processo de aproximação da AMEFA.

Segundo BEGNAMI (88:2007) aparentemente a formação dos monitores das EFA's que são em sua maioria oriundos da rede tradicional de ensino é algo complexo, pois é preciso uma ruptura epistemológica para passarem a viver em um outro sistema pedagógico, uma outra concepção de formação e educação. O que podemos analisar é que no caso d@s jovens formados pela mesma que assumem a profissão de monitor@s já indicam um avanço quanto a essa ruptura, passagem, uma vez que se formaram na alternância e compreendem bem sua proposta pela vivência que tiveram enquanto educand@s. Ao mesmo tempo por serem filhos dos sindicalistas, das famílias agricultoras se aproximam mais da relação família – escola, movimento escola. Assim o que vemos é o início de uma rede fina de tecituras comprometida com uma educação do campo.

Para além ainda não possuímos informações e dados sistematizados, mas já podemos indicar pela conversa com esses nove jovens técnicos monitores que alguns de seus companheiros se encontram como produtores e ou na busca de trabalho como técnicos agrícolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRÉ, Marly E. D. ^a de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Série Pesquisa; vol.13. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

AZEVEDO, Rodrigo A. B. **Os agricultores tradicionais e a agronomia: A difícil compatibilidade dos modelos conceituais**. Anais do I Seminário Mato-grossense de Etnobiologia e Etnoecologia e II Seminário Centro – Oeste de Plantas Medicinais. – Cuiabá: Unicen, 2003.

AZIBERO, Nadir E. **Relações de saber, poder e prazer: educação popular e formação de educadores**. Florianópolis. Cepec Ed.2002.

BARBOSA. Willer. A., LIMA. Elianeide N., OLIVEIRA. Suely N. de, REIS. Cleivene P., RIBEIRO. Simone da, TEIXEIRA. Maria do Carmo C. **Alternância educativa: saber em Movimento**. NUP/CED/UFSC, 2004.

BARBOSA. Willer, A. **Pedagogia da Alternância, os sentidos dos instrumentos pedagógicos**. XI EMDIPE. XI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Cdrom. Goiana, 2002.

COELHO, Maria de Fátima B., JÚNIOR, Plácido C., DOMBROSKI, Jeferson L. D. (org.) **Etnobiologia, Etnoecologia e Plantas Medicinais: anais do I Seminário Mato-grossense de Etnobiologia e Etnoecologia e II Seminário Centro – Oeste de Plantas Medicinais**. – Cuiabá: Unicen, 2003.

Escola Família Agrícola; construindo educação e cidadania no campo. – Belo Horizonte: Ed. O lutador, 2004.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FUNDEP, Fundação de Desenvolvimento Educação e Pesquisa; **MMTR, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais. Agricultura Ecológica e Saúde**. Impressão FUNDEP, 2002.

MACHADO, Vinícios A., CARVALHO, Cirley O. **Regimento Interno – Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio Escola Família Agrícola Paulo Freire**. Acaiaca – MG, 2005.

MARTINHO. Cássio. **Desafios do Trabalho em rede**. Brasília: WWF-Brasil, 2004.

MDA. Declaração de princípios e programa de ação da Conferência Mundial sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural (Roma, 1979) – ONU para a Agricultura e Alimentação. – Brasília, 2005.

MEC/CNE/CEB. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB n.1/02, Brasília, 2002.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 4^a ed. Petrópolis, Vozes LTDA. 1993.

Revista da Formação por Alternância. V.1 (2005) Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 2006. v.2n.2. Semestral.

RIVOIR, Ana Laura. **Redes sociais: Instrumento metodológico ou categoria sociológica?** Internet, agosto 2006, 14p.

SILVA, Lourdes. H, da. **As experiências de formação de Jovens do Campo. Alternância ou Alternâncias.** Viçosa: UFV, 2003.

SOUZA, Romier, SILVA. Ruth C. da, MACIEL. Franquismar. **Multiplicação dos conhecimentos agroecológicos: a experiência de extensão rural na região Tocantina (Pará).** Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. ANA, 2007.

VIEIRA, Tatiana. R., MACHADO Vinicius. A. Escola Família Agrícola Paulo Freire: iniciativas para vivenciar a Agroecologia na formação dos jovens. Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. ANA, 2007.

¹ Pedagoga, Coordenadora pedagógica do Programa de extensão universitária Teia – Universidade Federal de Viçosa/UFV, Integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV) e projeto EFA Natalândia / UFV e INCRA e-mail: prigregori@hotmail.com.br.

² Pedagoga, integrante do Programa de extensão universitária Teia – UFV, Integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV) e do projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã – 2008/2009 – Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária. kelsearena2003@yahoo.com.br

³ Doutor em Educação e Movimentos Sociais - UFSC, Filósofo – UFMG, prof. do Departamento de Educação / UFV, Coordenador pedagógico do Programa de extensão universitária Teia – UFV, Integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV) e Coordenador Regional do projeto Educação, Campo e Consciência Cidadã – 2008/2009 – Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária wbarbosa@ufv.br.

⁴ Estudante do Curso de Pedagogia/ UFV, integrante do Programa de extensão universitária Teia – UFV, Integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV), integrante do projeto Filosofia na Escola Família Agrícola Paulo Freire, angélicaflor@hotmail.com.br.

Estudante do Curso de Pedagogia/ UFV, integrante do Programa de extensão universitária Teia – UFV, Integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV), integrante do Museu de Ciências da Terra – UFV, kyviacaon@yahoo.com.br.

⁵ Estudante do Curso de Pedagogia/ UFV, integrante do Programa de extensão universitária Teia – UFV, Integrante do Grupo-Movimento Ecopedagogia (DPE-UFV), integrante do Museu de Ciências da Terra – UFV, kyviacaon@yahoo.com.br.

⁶ Esta forma gráfica está sendo adotada para levantar a questão de se questionar o masculino genérico, incluindo nele o feminino. Isso já se torna tão *certo* para nós que nem o percebemos, muito menos levantamos qualquer tipo de questionamento (AZIBERO, 2002: 17).

⁷ Considerando que a produção agrícola familiar, em suas múltiplas expressões, é um aspecto inerente na Zona da Mata Mineira. Essa afirmação é fruto das discussões do Seminário Cenários da Agricultura Agroecológica Familiar e Camponesa da Zona da Mata, no contexto do Programa de Extensão TEIA, realizado na Universidade Federal de Viçosa, entre 07 a 09 de Setembro 2007.

⁸ Essa constatação a respeito da agroecologia como uma ciência e uma prática popular foi feita no referido Seminário Cenários da Agricultura Agroecológica Familiar e Camponesa da Zona da Mata, onde estiveram reunidos diferentes movimentos sociais, organizações, associações, sindicatos e entidades relacionadas à agricultura regional.

⁹ Ver FREIRE (1975).

¹⁰ Ver FLEURI.

¹¹ Esse encontro que ocorreu em Abril do presente ano é organizado pela AMEFA e tem como objetivo a integração e troca de experiências dos monitores das EFA's.